

Pedro Araújo

pedromgaraujo@sapo.pt

Minas da Borralha: pelos interstícios da memória

Resumo

Integrado num projeto individual de investigação, desde 2009 que o Arquivo Imaterial das Minas da Borralha se desenvolve, reunindo informações acerca da história das segundas maiores minas de volfrâmio de Portugal.

Do vasto trabalho de campo realizado, destaca-se a recolha de Histórias de Vida dos antigos operários e respetivas famílias. Da análise do seu conteúdo sobressai um conjunto único de expressões e termos mineiros, muitos dos quais específicos deste território. A este conjunto de informação dei o nome de Glossário de Termos e Expressões Mineiras.

Neste artigo, procuro demonstrar a riqueza e diversidade desse património linguístico expresso nos discursos dos informantes. Em simultâneo, ficará patente a importância do seu estudo e enriquecimento, no âmbito do Ecomuseu de Barroso, quer como instrumento de acesso e decodificação a um território profundamente marcado por mais de 80 anos de atividade mineira, quer como meio para se alcançar uma aproximação mais colaborativa com a comunidade.

Palavras-chave

Arquivo; Glossário; Borralha; Memória.

Nota biográfica

Pedro Miguel Gonçalves de Araújo (Porto, 1977). Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2012). Historiador e Museólogo publicou, em 2017 o primeiro volume da história das Minas da Borralha, intitulado Minas da Borralha: 1900-1951 (Chiado Editora). Vive atualmente em Amiar, Montalegre.

Abstract

Integrated into an individual research project, since 2009 the Borralha Mine Archive has been developed and gathering information about the history of the second largest wolfram mine in Portugal.

From the vast field work carried out, it's highlight the collection of Life Stories of former workers and their families. From the analysis of its content stands out a unique set of expressions and mining terms, many of which are specific to this territory. To this set of information, I have given the name Glossary of Terms and Mining Expressions.

In this article, I try to demonstrate the richness and diversity of this linguistic heritage expressed in the informants' discourses. At the same time, the importance of its study and enrichment within the scope of the Ecomuseu de Barroso, as an instrument of access and decoding to a territory deeply marked by more than 80 years of mining activity, or as a means to reach a more collaborative relation with the community.

Keywords

Archive; Glossary; Borralha; Memory.

Biographical note

Pedro Miguel Gonçalves de Araújo (Porto, 1977). Master in Museology by the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto (2012). Historian and Museologist, published in 2017 the first volume of the history of the Borralha Mines, entitled Minas da Borralha: 1900-1951 (Chiado Editora). At the present times lives in Amiar, Montalegre.

Introdução. Breve história das Minas da Borralha

As Minas da Borralha localizam-se no extremo norte de Portugal, no concelho de Montalegre, na região conhecida por Barroso. O grosso do seu território estende-se pelas freguesias de Salto e Venda Nova, no concelho de Montalegre e, em menor número, pela freguesia de Campos, no concelho de Vieira do Minho.

A jazida de volfrâmio da Borralha foi sinalizada, pela primeira vez, por intermédio do moleiro Domingos Borralha, em 1900. O primeiro registo de concessão data de 18 de setembro de 1900 entregue na Câmara Municipal de Montalegre pelo futuro diretor da exploração, o engenheiro de minas francês Paul Marijon. A publicação do primeiro conjunto de alvarás de concessão data de 1902, em nome da empresa franco-portuguesa *Compagnie des Mines d'Étain et Wolfram* que, em 1909, passará a designar-se *Mines de Borralha, SA*.

Face à riqueza da jazida da Borralha facilmente comprovada por Paul Marijon, a exploração arrancou a um ritmo fortíssimo, ao ponto de, em 1903, exportar 170 toneladas de volfrâmio. Apoiada por capital francês, a exploração das Minas da Borralha foi pioneira, no distrito de Vila Real, na instalação de uma oficina

hidroelétrica para apoio à exploração – a oficina dos Padrões – localizada no Rio Borralha, com licença de funcionamento a partir de 1904. Nos anos seguintes, a empresa não parou de investir na exploração, tendo instalado, em 1908, uma segunda oficina hidroelétrica, desta vez no Rio Rabagão, denominada oficina da Misarela.

Apesar de rivalizar com as Minas da Panasqueira, sensivelmente a partir de 1911 e ao nível da produção de concentrados de volfrâmio, a concessionária das Minas da Borralha não deixou de investir em áreas complementares à exploração mineira. Em 1917 participa diretamente, com capital e *know-how*, na fundação da Companhia Portuguesa de Fornos Elétricos (CPFE), com sede no concelho de Nelas, distrito de Viseu. Em poucos anos, esta empresa tornar-se-á pioneira em Portugal nos setores eletroquímico e eletrometalúrgico.

O pico de produção de volfrâmio atingido durante a I Guerra Mundial não foi, contudo, suficiente para evitar a grave crise que perpassou a indústria extrativa nacional na década de 1920. Durante este período, as Minas da Borralha reduziram drasticamente a exploração e, conseqüentemente, o número de trabalhadores. Do máximo de 690 operários, registados em 1916, a concessionária emprega, em 1922, pouco mais de uma centena de

operários em permanência. Porém, com esses valores, a importância da concessionária no panorama mineiro nacional é tal que, em 1925, a produção de concentrados de volfrâmio nas Minas da Borralha representa praticamente 100% do total do país e, no ano seguinte, representa aproximadamente 47%. Nesse mesmo ano de 1926, as concessões mineiras da Borralha são agrupadas por forma a criar o Couto Mineiro da Borralha. A área de exploração aumenta para cerca de 1788ha, englobando 35 concessões.

Em 1939 as Minas da Borralha empregavam 459 trabalhadores, dos quais 276 ocupados com funções no subsolo. Com o eclodir da II Guerra Mundial, a concessionária firma um acordo de fornecimento de volfrâmio com a empresa britânica UKCC, Limited, apesar da sede da Mines de Borralha, SA se encontrar em França, então ocupada. Este facto acabará por colocar as Minas da Borralha no centro de um intenso conflito diplomático, com a Alemanha nazi a reclamar a propriedade da exploração, bem como de todos os seus ativos. Apesar dos esforços diplomáticos por parte da Legação alemã em Lisboa, o Acordo sobre Tungsténio, assinado entre Portugal, Inglaterra e os Estados Unidos, manteve-se em vigor entre 1 de março de 1942 e 28 de fevereiro de 1943, definindo que a produção da exploração fosse vendida

aos interesses Aliados e restringindo as vendas ao chamado *mercado livre*.

Apesar de não existirem dados concretos acerca do número da população operária durante a II Guerra Mundial, relatos de vários informantes colocam-na acima dos dois milhares de trabalhadores, sobretudo entre 1941 e 1943. Se levarmos em linha de conta estes números, facilmente contabilizamos 5000 habitantes na área em redor da concessão, distribuídos entre residentes fixos, temporários e agregados familiares dos operários.

Em 1947, a Mines de Borralha, SA apresenta ao Ministério da Economia os planos para a construção da primeira unidade de fundição de concentrados de volfrâmio, propriedade de uma empresa mineira. Para a construção e apetrechamento técnico dessa unidade de fundição, a empresa cria uma subsidiária em Portugal, batizada como Electrometalúrgica Portuguesa, SARL. A direção técnica da construção e do equipamento da fundição estará a cargo de um dos gigantes empresariais franceses na área da eletroquímica e da metalurgia e, simultaneamente, acionista da Mines de Borralha, SA, a Société d'Electrochimie, d'Electrometallurgie et des Anciers Electriques D'Ugine. Com a entrada em funcionamento da Fundição, as Minas da Borralha serão, até ao seu encerramento, a

única exploração mineira do país equipada com tecnologia capaz de transformar concentrados de volfrâmio em ferro-tungsténio.

As décadas de 1950, 1960 e 1970 serão marcadas por constante instabilidade. Face à queda do preço do volfrâmio, as Minas da Borralha são obrigadas a encerrar entre 1958 e 1962. Reabertas com uma nova administração, a exploração debater-se-á com crónicos problemas de falta de mão-de-obra, apesar de ao longo dos anos manter uma população empregada acima dos 500 operários. A insuficiência de produção de volfrâmio e a proibição pontual de compra de minérios a outras explorações também representaram problemas que impediram a exploração de capitalizar o potencial instalado com a sua Fundação.

Na década de 1970, a empresa investe em novos equipamentos de extração, numa tentativa de dar novo fôlego à mina. Contudo, problemas laborais e de tesouraria que obrigam, inclusive, o Ministério da Indústria e Tecnologia a conceder à Mines de Borralha, SA um empréstimo de 3500 contos, aliados a uma tendência crescente de baixa do preço do volfrâmio, levam a que, em dezembro de 1978, a empresa seja adquirida pelo consórcio Beralt Tin/SPE, dando origem à Sociedade Portuguesa de Empreendimentos, SARL. A recém-criada empresa será fortemente penalizada pela crise

do preço do volfrâmio de 1981/1983, bem como pela quebra abrupta da procura da matéria-prima. Em 1984, começam a circular rumores acerca do possível encerramento da exploração, ao mesmo tempo que dívidas à EDP e à Segurança Social ameaçam a precária estabilidade dos cerca de 400 trabalhadores da empresa. Em janeiro de 1986, já com uma situação insustentável, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira do Norte entrega à administração um pré-aviso de greve por tempo indeterminado. Por ordem da administração, a 15 de janeiro, os trabalhos são suspensos por quatro meses, o que equivale, na prática, ao encerramento das operações. A 11 de agosto de 1987, a Mines de Borralha, SARL solicita à Direção de Geologia e Minas a suspensão da lavra, a qual será renovada anualmente até 1993. A 11 de janeiro desse ano dá-se o desenlace final, quando são revogados os alvarás de concessão de exploração e propriedade das Minas da Borralha.

1. O Arquivo Imaterial das Minas da Borralha

Tendo como ponto de partida as histórias de vida dos operários mineiros, o projeto individual de investigação Arquivo Imaterial das Minas da Borralha tem percorrido várias etapas de desenvolvimento. Estas conferiram-

lhe, por um lado, o reconhecimento académico e científico necessário à sua continuidade. Por outro lado, possibilitaram-me a mim apresentá-lo e participar em eventos com diferentes vocações, expondo o projeto aos mais diversos desafios. As dinâmicas criadas, permitem sustentar a crença de que o Arquivo é um projeto verdadeiramente diferenciador no panorama da historiografia mineira portuguesa.

Iniciei este projeto há sensivelmente uma década, com um estágio profissional no Ecomuseu de Barroso. De 2009 até hoje, o Arquivo articulou-se em três fases. A primeira teve por base a construção de uma rede de informantes, com enfoque em antigos operários e respetivas famílias. Como resultado de dois anos de trabalho de campo, o último dos quais já com o estágio terminado e apenas a expensas próprias, foram recolhidas, transcritas e analisadas mais de 70 horas de depoimentos, áudio e vídeo. A segunda fase, em 2012, coincidiu com a validação científica do projeto e com o que conduzirá à conclusão da dissertação de Mestrado em Museologia, intitulada *Vozes que Falam: Caminhos do PCI na Comunidade das Minas da Borralha*, orientada pela Professora Doutora Alice Duarte (Araújo, 2012). Do ponto de vista da museologia, o principal contributo do trabalho consistiu no reforçar da ideia da natureza pluridisciplinar da

disciplina, incorporando áreas como a da História Oral, do Património Industrial e do Romance Literário na construção de narrativas socioculturais relativas a uma comunidade mineira. Ainda durante este período, o projeto do Arquivo foi apresentado em diversos seminários nacionais e internacionais, nomeadamente no III Seminário Ibero-Americano em Museologia (Madrid, 2012), no I Encontro de História Oral em Rede (Lisboa 2012) e no Clube de Leitura FEUP (Porto 2012).

Ainda em 2012, mas já no que denomino como terceira fase, o Arquivo Imaterial das Minas da Borralha é convidado a integrar a exposição *Edifícios e Vestígios: Projeto-Ensaio sobre Espaços Pós-Industriais*, integrada no programa de Guimarães2012 – Capital Europeia da Cultura, onde participa, pela primeira vez, em parceria com o Ecomuseu de Barroso (Moreira, 2013). Para além da participação na exposição, o meu trabalho de recolha serve de base conceptual ao projeto fotográfico *Wolfram*, de autoria do artista visual polaco Konrad Pustola, também ele participante no evento. Em 2015 sou convidado pelo Ecomuseu de Barroso para desenvolver os conteúdos relativos à história do lugar, os quais integrarão o futuro Centro Interpretativo das Minas da Borralha, inaugurado a 13 de julho desse ano. Paralelamente, a ideia de aprofundar o material do Arquivo Imaterial das Minas da

Borralha ganha forma. Começa a desenhar-se uma extensão natural do projeto que sistematiza o conhecimento a as experiências adquiridas nos últimos anos. Dou então início a uma profunda investigação nos principais arquivos e bibliotecas do país, orientado pelo objetivo de escrever a história das Minas da Borralha. Durante três anos, sem qualquer tipo de apoio, logístico ou financeiro, trabalho no primeiro volume da história do Couto Mineiro da Borralha. Em 2017, o livro é apresentado no Centro Interpretativo das Minas da Borralha, inserido no Encontro Anual dos Amigos da Borralha e perante dezenas de antigos operários e respetivas famílias (Araújo, 2017).

2. O Glossário de Termos e Expressões Mineiras

Em todo este processo, o Arquivo Imaterial das Minas da Borralha apresenta-se como sendo o eixo central de toda a investigação. Sistematiza toda a informação que foi sendo recolhida desde 2009, reunindo os depoimentos e respetivas transcrições dos informantes, os documentos cedidos, os objetos doados e/ou construídos pelos mesmos informantes como forma de ilustrar alguns dos seus depoimentos relativos a instrumentos técnicos usados, bem como toda a bibliografia e documentação técnica recolhida no decorrer dos anos.

O Glossário de Termos e Expressões Mineiras é um documento que emana diretamente das recolhas de História Oral realizadas, cujo registo tem cerca de 70 horas de gravações áudio e vídeo de antigos mineiros e trabalhadores do complexo industrial (Araújo, 2013). Este documento em particular constitui uma valiosa fonte de informação, quer para a compreensão de narrativas de vida desses atores sociais, quer para a produção de conteúdos e atividades educativas no âmbito do Centro Interpretativo das Minas da Borralha. Por outro lado, o Glossário proporciona uma aproximação aos múltiplos significados e experiências que a comunidade mineira foi construindo ao longo de praticamente 90 anos de história. Este aspeto é fundamental para a compreensão dos territórios físicos e mentais que se cruzam com a criação de um léxico tão rico e extenso como é o falar mineiro.

Atualmente, o Glossário de Termos e Expressões Mineiras regista cerca de 100 entradas validadas, cada uma contando com a devida contextualização do discurso do informante, bem como com a especificação/tradução do seu significado, sistematizado por mim. O seu conteúdo reveste-se de um forte valor comunitário e social (Benton, 2010), na medida em que, na sua grande maioria, os termos e expressões

recolhidos são exclusivos do território onde a exploração mineira ocorreu.

Na sua constituição, o Arquivo Imaterial das Minas da Borralha, em geral, e o Glossário de Termos e Expressões Mineiras, em particular, procuram rebater a ideia segundo a qual a História Oral surge nos processos de investigação das ciências sociais e humanas como um elemento com menor importância relativamente às fontes documentais clássicas. De facto, desde meados da década de 1990 que a História Oral vem surgindo como um recurso recorrente para um conjunto alargado de trabalhos de investigação académica em Portugal. De igual forma, os congressos orientados para a História Oral têm o seu início nos primeiros anos do séc. XXI (Oliveira, 2010). Mau grado a resistência protagonizada por alguns setores da museologia e da história relativamente a técnicas de recolha de informação assentes, nomeadamente no estabelecimento de relações informais e em testemunhos orais, a verdade é que a História Oral tem a capacidade de gerar informação impossível de recolher através dos processos de investigação ditos convencionais. Importa, no entanto, conhecer as limitações da sua aplicabilidade, bem como a natureza da informação recolhida, tendo isso em atenção, nomeadamente, aquando da interpretação do material. Para a credibilização da informação, o

investigador deverá conhecer a abordagem metodológica que aplica e as suas potencialidades. No caso concreto do Glossário de Termos e Expressões Mineiras, a metodologia subjacente à sua constituição teve como base teórica o conceito de pesquisa de terreno, desenvolvido por Robert Burgess (2001). Importa fundamentalmente compreender a História Oral, não como uma disciplina autónoma, mas como uma metodologia de investigação (Cardina 2012). Se bem compreendida e aplicada, esta será capaz de gerar contributos decisivos para projetos museológicos como é o Centro Interpretativo das Minas da Borralha, nomeadamente ao nível das participações colaborativa e contributiva da comunidade (Simon, 2010).

3. O Glossário de Termos e Expressões Mineiras e a História Oral

O Glossário de Termos e Expressões Mineiras tem como base histórias de vida, cuja recolha foi alicerçada num profundo envolvimento e inter-relacionamento com os membros da comunidade mineira. Através da sua leitura é possível traçar uma história alternativa das Minas da Borralha, concretamente a partir do final da década de 1930.

Sobretudo entre 1939 e 1944, o valor do quilograma de volfrâmio aumenta significativamente no mercado negro. Acerrimamente disputado pelos Aliados e pela Alemanha nazi, nas Minas da Borralha, o volfrâmio constituiu-se como o catalisador de uma ambiência de autêntico *farwest*. Milhares de camponeses, oriundos de todo o país, invadiram literalmente o território em redor da exploração, dando origem ao que ficou conhecido por **Fárria** ou **Fárria Grande** e **Segunda Fárria**. A expressão *A Fárria* desdobra-se em duas outras: *Fárria Grande* ou *Grande Fárria* e *Segunda Fárria*. A cada uma delas corresponde um tempo cronológico específico. A *Fárria* ou *Fárria Grande* diz respeito ao período balizado, sensivelmente, entre o final da década de 1930 e 1944, data do encerramento compulsivo de todas as explorações de volfrâmio, por força do decreto-lei 33 707, de 12 de junho de 1944. Abarca, portanto, a fase final da Guerra Civil espanhola e grande parte da II Grande Guerra. Trata-se de um período caracterizado por uma forte corrida ao armamento por parte dos países europeus, nomeadamente a Inglaterra e a Alemanha, o que motiva a alta dos preços do volfrâmio, matéria-prima essencial para o armamento de então. Historicamente, coincide com o apogeu socioeconómico da comunidade das Minas da Borralha, que por essa altura bate recordes de população residente.

A *Segunda Fárria* coincide com a Guerra da Coreia (1950-1953) e com o período inicial da denominada guerra-fria, quando se regista novo aumento da cotação do volfrâmio. Embora sem o fulgor do período anterior, as Minas da Borralha voltam ainda a constituir-se em terreno fértil para a atividade dos farristas, apanhistas e contrabandistas que se movimentam pela concessão mineira.

Os inúmeros depoimentos recolhidos provam a utilização dos termos em associação com os períodos em questão, referindo-os como períodos de significativo enriquecimento proporcionado pelo minério: “... compramos uma quinta, mas boa; uma grande quinta, mas ganhamo-la na **Fárria**, quando ele [volfrâmio] dava dinheiro...” (Sr. Álvaro Martins). Outra possibilidade é a associação do termo a determinado período da própria história pessoal, como quando o Sr. Libório Carvalho refere: “...eu nasci em 40 quando foi a **Fárria Grande**, que era a II Guerra Mundial...”; “... isto ao tempo do Grammont [segundo diretor da mina], que foi o tempo da **Fárria Grande** [...]”.

Como já se deixou antever, o protagonista da **Fárria** é conhecido como o **Farrista**. Trata-se da pessoa que ia para a área concessionada da empresa, **Farrear**. O Farrista é o indivíduo que, sem possuir licença de apanhista, se dedicava à apanha ilegal, ao contrabando e ao roubo de minério. Quer a *Fárria*, quer o *Farrista*

emergem tendo ligada a si uma base semântica que remete para um conjunto de práticas, ritmos de vida e modos de estar associados a manifestações de opulência, riqueza fácil, extravagâncias de toda a ordem e esbanjamento imponderado de bens e dinheiro. Todos esses comportamentos são característicos de um período de enriquecimento fácil, mercê do valor astronómico que o volfrâmio logrou atingir. Os termos acabam por permanecer até ao encerramento da mina, em 1986, mas perdendo, contudo, essa conotação de riqueza fácil e esbanjamento de dinheiro e bens, associada aos Farristas da década de 1940 e, em menor grau, aos do início da década de 1950. Depois desse período, passa a designar todo(a) aquele(a) que retira ilegalmente minério, tanto do interior como do exterior da mina, adquirindo, por vezes, um sentido claramente pejorativo. No seu sentido mais lato, o termo **Farrista** encontra semelhanças no *Pilha*, termo característico das minas de volfrâmio da região de Arouca.

Através dos depoimentos recolhidos, é possível compreender a vida de risco e aventura protagonizada por homens e mulheres, bem como aceder ao conteúdo do próprio termo a partir da definição avançada por um informante: “os **farristas** eram aqueles que depois, durante a noite, iam à mina roubar e

que vendiam pra fora, vendiam o minério pra fora”; “... apreendiam o minério aos **farristas...**” (Sr. Libório Carvalho); “... deram-nos pra lá uma denúncia que andavam os **farristas** na mina...” (Sr. Silvino Poças).

Remetendo para este contexto, também foi referido o verbo **Farrear** como designando o ato de andar na *Fárria*. Trata-se de um termo usado por um número muito reduzido de informantes, caso do Sr. Manuel Gonçalves *Gicho*, um dos mais idosos com quem conversei, que menciona: “... foram prá mina de noite **farrear...**” (Sr. Manuel Gonçalves *Gicho*).

Associados às práticas da *Fárria*, podemos também encontrar termos, mais ou menos codificados, que remetem para a riqueza filoneana das Minas da Borralha. É o caso da **China** e, em oposição, das **Pintarolas** ou **Pintas**. Trata-se de termos usados de forma corrente, quer pelos operários da mina, quer pelos Farristas, para distinguir entre uma boa e uma má pedra com volframite. A **China** consiste numa pedra de minério, em que a quantidade de volframite é muito superior à quantidade de substâncias pobres, como o quartzo. Os vários informantes aludem à boa qualidade das Chinas, referindo: “... tirámos lá muito minério, era cada **china** de aluvião!”; “... eu e mais a minha mãe, íamos pra lá e apareciam lá **chinas** todas limpinhas, a gente tinha de cavar mais

um pedaço de areia...” (D. Aurora de Jesus). Também se percebe a importância dessas pedras na prática do contrabando: “... já punham aquelas pedras melhores, aquelas **chinas** melhores ao lado...” (Sr. Evaristo); e como seria abundante o minério: “... naquele tempo havia muito minério à superfície e eles escavavam a apanhavam aquelas **chinas**...” (Sr. Manuel Gonçalves *Gicho*).

Em oposição à **China** surgem as **Pintas** ou **Pintarolas**. Trata-se de pequenas pedras, de valor residual, geralmente pobres em volframite, depositadas em depósitos de aluvião e usadas pelos apanhistas para encher os sacos de minério que entregavam diariamente à concessionária. Nos depoimentos, encontramos a descrição de como era recolhido o minério: “trabalhávamos muito, todos os dias, nem que estivesse a chover, mas a água também lava as escombrelas... lava as **pintas**...” (D. Clotilde Fernandes). As práticas de enganar a concessionária com pedras de pouca qualidade, são mencionadas por vários informantes: “depois, para enfeitarmos as bacias, púnhamos umas **pintas**, assim uns seixos com um bocadinho de minério por baixo...”; “... bastava ter meia dúzia de **pintas** agarradas ao seixo e lá ia tudo (a pesar) ...” (Sr. Acácio dos Santos). Compreende-se, portanto, que o minério de má qualidade era entregue à

concessionária, selecionando-se o melhor – as **Chinas** – para vender no contrabando, como refere o Sr. Libório Carvalho: “... levava-se lá [à concessionária] as **pintarolas**, porque o minério vendia-se pra fora...”.

Foi também possível identificar termos alusivos a locais específicos da exploração mineira, os quais, entretanto, foram caindo em desuso, quer pelo desaparecimento físico das suas estruturas, quer pela perda da sua função original. O **Recinto** era o nome pelo qual era conhecida uma área adjacente a um campo agrícola, nas imediações da Lavaria Nova da mina. Devido ao seu declive, escondido pelo arvoredos, e à abundância de água corrente, era o local ideal para um grupo de farristas e apanhistas lavarem e separarem o minério. O termo foi usado apenas por duas informantes, que eram parceiras na lavagem clandestina do minério. Uma delas explica: “... e quando estávamos no Brulhal [...] tem lá umas levadas [...] chamam-se os bicos. Tem duas levadas [...] e a gente lavava na de baixo. Chamávamos-lhe o **recinto**” (D. Clotilde Fernandes).

A **Praça** é o termo usado para designar o espaço público em frente ao edifício dos escritórios. Tratava-se de um lugar central no quotidiano socioeconómico da comunidade, na medida em que era nos escritórios que os operários eram admitidos, lhes pagavam os salários e onde se reunia o corpo técnico da

exploração. Era também na **Praça** que a concessionária organizava um mercado diário, para onde se dirigiam dezenas de vendedores oriundos das terras limítrofes dos concelhos de Montalegre, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto. O mesmo espaço amplo, com bancadas laterais, proporcionava as condições necessárias para a realização de jogos de basquetebol e futebol, promovidos pela empresa. O termo foi recolhido apenas junto a um informante, o Sr. Mário Ferreira que recorda: “... vinham aqui todos os dias, ali prá beira dos escritórios, onde havia ali um mercadinho; havia ali uma casa já mesmo coberta, a **praça**, era como lhe chamavam...”.

O Forno é o nome dado ao edifício onde os apanhistas deviam depositar diariamente o minério recolhido. O termo deriva da existência, no mesmo espaço, de um forno para ustulação de pirites¹.

Situava-se junto ao rio da Borralha, no nível zero, anexo às estruturas de limpeza e refinação do volfrâmio. Para referir o edificado, os informantes mencionam a sua função: “... chamavam-lhe o **forno** que era onde a gente ia levar o minério pró engenheiro, prá afinagem...”; “... também íamos lá abaixo ao **forno**, chamávamos-lhe o **forno** que era o

depósito onde metíamos lá o minério” (D. Aurora de Jesus).

Relativamente ao universo do pessoal mineiro, ou seja, afeto ao trabalho no subsolo, foram levantadas expressões que remetem, ora para técnicas de trabalho especializado, ora para aspetos decorrentes do desenvolvimento da exploração. As expressões **fazer o fogo** ou **meter o fogo** designam os processos de perfuração e detonação da rocha nas frentes de trabalho, ou seja, nos pontos mais avançados da exploração. O maciço rochoso era trabalhado com recurso ao martelo pneumático, com injeção de água na broca. Nos orifícios entretanto abertos, são colocados e detonados explosivos. Os informantes que mencionam estas expressões desempenharam, em determinado ponto das suas carreiras profissionais, a função de marteleiros. Refere o Sr. Aurélio Ribeiro: “a gente **fazia o fogo** como nos ensinaram...”, no que é corroborado pelo Sr. Américo Pereira: “... **meter fogo** prá frente, tinha-se que regar bem regado, aquilo era um pó que parecia farinha”.

Um dos termos sinalizado porventura mais interessante, diz respeito à principal doença profissional dos mineiros – a silicose. O **Mal da mina** é uma expressão que percorre praticamente todos os informantes e todas as

¹ Processo pelo qual a mistura mineral é aquecida a temperaturas abaixo do ponto de fusão. Destina-se à rentabilização económica da

elevada percentagem de ferro e enxofre presente na composição da pirite, bem como para a produção de ácido sulfúrico.

gerações de trabalhadores das Minas da Borralha. Designa, na gíria mineira, a silicose. Trata-se de uma doença respiratória causada pela inalação continuada de pó de sílica e que afeta os pulmões. Até à introdução de técnicas e equipamentos de perfuração com injeção de água e à obrigatoriedade de ventilação dos fumos e poeiras tóxicas, era extremamente frequente. Em Portugal a silicose foi muito comum, sobretudo entre os operários do subsolo, mais concretamente nas classes profissionais dos martelheiros, escombrieiros e vagoneiros. Apesar de constituir uma das principais causas de morte entre os mineiros, apenas foi declarada doença profissional em 1965, com a publicação da Lei 2127 de 3 de março. Encontrei a expressão em diversos informantes:

“o **mal da mina** veio de repente e ninguém sabia o que era...” (Sr. Aurélio Ribeiro).

“... atacava os pulmões, não podiam respirar, meia dúzia e meses e ... chamavam-lhe o **mal da mina**” (Sr. Américo Fernandes).

Nota Conclusiva

Importa reter que, no seu conjunto, o Glossário de Termos e Expressões Mineiras não é um fim em si mesmo, mas um instrumento de trabalho que importa potenciar. Passado mais de 30 anos após o encerramento da mina, o grupo de

informantes contactados não é senão uma pequena parte da comunidade que hoje habita no território, a qual é infinitamente menor da antes existente. Como tal, convém estar consciente de que subsistem, indubitavelmente, muitos dados que importaria recolher e analisar, preferencialmente no âmbito do projeto do Ecomuseu de Barroso e do seu Centro Interpretativo das Minas da Borralha.

O prosseguimento do projeto de investigação por mim iniciado é imperioso, não apenas para a salvaguarda de um património linguístico em extinção progressiva. Interessa compreender que o Glossário de Termos e Expressões Mineiras tem potencialidades a vários níveis. Desde logo, como ferramenta para capitalizar o que Pierre Bourdieu (1998) designa por *capital cultural*. Este refere-se aos saberes e competências detidos por um grupo humano, cujo reconhecimento precisa existir para que esse capital cultural não se transforme em instrumento de dominação. Sobre a comunidade das Minas da Borralha só a reprodução dos conhecimentos detidos com objetivos educativos se traduzirá na partilha de informação e na produção de novos conhecimentos (Crooke, 2007). Quanto maior o número de indivíduos atraídos por este tipo de sinergias, maior será, não apenas o capital cultural, mas, eventualmente também o *capital*

económico da comunidade. Este aspeto é fundamental no contexto da região do Barroso, uma vez que o seu território é o único em Portugal a ostentar a dupla distinção de Património Agrícola Mundial, atribuída pela Food and Agriculture Organization (FAO) das Nações Unidas, e de Reserva Mundial da Biosfera, atribuída pela Unesco. Importa que essa particularidade se traduza num elemento diferenciador de excelência do ponto de vista socioeconómico.

Por outro lado, a efetivação do projeto de investigação tem contribuído para a diluição das distâncias entre a comunidade e a figura institucional, representada pelo investigador. O meu interesse pela temática da cultura mineira da Borralha e pelas histórias de vida dos seus intérpretes traduz-se em projetos de natureza, não apenas *contributiva*, como aconteceu em Guimarães2012, Capital Europeia da Cultura (Moreira, 2013), mas também, como ambicionado, de cariz *colaborativo* (Simon, 2010), à semelhança do que aconteceu com a seleção e elaboração de conteúdos para o Centro Interpretativo das Minas da Borralha.

Nesta fase, os principais desafios da investigação serão o da relevância e o do envolvimento com a comunidade. O principal elemento físico agregador desta comunidade desapareceu quando, em 1986, os trabalhos

mineiros pararam. Permanecem as memórias partilhadas de um conjunto de indivíduos cada vez menor. Importa orientar o trabalho para as novas gerações, para os descendentes dos operários das Minas da Borralha. Trata-se de uma missão para a qual o Ecomuseu de Barroso pode e deve estar preparado. Proporcionar o acesso ao Glossário de Termos e Expressões Mineiras não é senão o ponto de partida para uma nova etapa da investigação. Seria, aliás, redutor e extremamente frustrante cristalizar a pesquisa no atual estado de desenvolvimento. Impõem-se novas linguagens plásticas e diferentes abordagens às histórias de vida já recolhidas, sob pena do património cultural das Minas da Borralha se tornar refém de si mesmo, o que equivaleria a decretar uma sentença de morte à memória coletiva de três gerações de operários. Neste ponto da investigação, creio ser fundamental devolver a iniciativa à comunidade. Para a prossecução dessa intenção, caberá ao Ecomuseu de Barroso e ao Centro Interpretativo das Minas da Borralha o papel de mediador, colocando o futuro do projeto à disposição da comunidade. Mediante a assunção desse papel, será possível ecoarmos com Robert Janes (2009): “*Será apenas perante a discussão e a confrontação de ideias que os museus serão capazes de criar, inventar e descobrir os seus futuros [...]*”.

Referências

Araújo, P. (2012). *Vozes que Falam: Caminhos do PCI na Comunidade das Minas da Borralha*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Araújo, P. (2013). A mina [ainda] trabalha. In A. Semedo, F. Couto, P. Rodrigues & S. Senra (Eds.), *Ensaaios e Práticas em Museologia* (Vol. 03, pp. 117-130). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Araújo, P. (2017). *Minas da Borralha: 1900-1951*. Lisboa: Chiado Editora.

Benton, T. (Ed.) (2010). *Understanding Heritage and Memory*. Manchester: Manchester University Press.

Bourdieu, P. (1998). Os três estados do capital cultural. In M. A. Nogueira & A. Catani (Eds.), *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes Editora.

Burguess, R. G. (2001). *A Pesquisa de Terreno*. Traduzido do inglês por Freitas, Eduardo de & Mansinho, Maria Inês. Oeiras: Celta Editora.

Cardina, M. (2012). História oral. Caminhos, problemas e potencialidades. In P. Godinho (Ed.), *Usos da Memória e Práticas do Património* (pp. 27-43). Lisboa: Edições Colibri.

Crooke, E. (2007). *Museums and Community. Ideas, Issues and Challenges*. London: Routledge.

Janes, R. R. (2009). *Museums in a Troubled World*. London: Routledge.

Moreira, I. (Ed.) (2013). *Edifícios e Vestígios*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Oliveira, L. T. (2010). A história oral em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*(63), 139-156.

Simon, N. (2010). *The Participatory Museum*. Santa Cruz: Museu 2.0.